



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS
DOCENTE: LIDIANY PEREIRA DOS SANTOS

NATHIELLY SILVA DE SOUSA HOLANDA

UMA ANÁLISE DO ENSINO DA ORALIDADE EM DUAS COLEÇÕES
DO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO MÉDIO

PICOS

2021

NATHIELLY SILVA DE SOUSA HOLANDA

**UMA ANÁLISE DO ENSINO DA ORALIDADE EM DUAS COLEÇÕES
DO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito básico para a conclusão do Curso de Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Orientadora: Prof. Dra. Lidiany Pereira dos Santos.

PICOS

2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo
Serviço de Processamento Técnico

H722a Holanda, Nathielly Silva de Sousa

Uma análise do ensino da oralidade em duas coleções do livro didático do ensino médio / Nathielly Silva de Sousa Holanda – 2021.

Texto digitado

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo - CSHNB

Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura em Letras Português, Picos-PI, 2021.

Orientadora: Prof.^a Dra. Lidiany Pereira dos Santos.

1. Oralidade. 2. Livro Didático. 3. PCN. 4. BNCC. I. Santos, Lidiany Pereira dos. II. Título.

CDD 401.9

Maria José Rodrigues de Castro CRB 3: CE-001510/O



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

Às dezesesseis horas do dia 28 de setembro do ano de dois mil e vinte e um, na sala virtual do *Google Meet*, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, no *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos – PI, sob a presidência do **Prof. Dra. LIDIANY PEREIRA DOS SANTOS**, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia de autoria da aluna **NATHIELLY SILVA DE SOUSA HOLANDA**, do curso de Letras desta Universidade com o título: “UMA ANÁLISE DO ENSINO DA ORALIDADE EM DUAS COLEÇÕES DO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO MÉDIO”. A Banca Examinadora ficou assim constituída: **Prof. Dra. LIDIANY PEREIRA DOS SANTOS (orientadora - presidente)**, **Profa. Dra. SOLANGE CHRISTIANE GONZALEZ BARROS (1ª examinadora)** e **Profa. Dra. ELIZABETH GONÇALVES LIMA ROCHA (2ª examinadora)**. Foram registradas as seguintes ocorrências: **após a apresentação da aluna pelo Presidente da banca, ocorreu a apresentação da monografia, seguido de questionamentos pelos membros da banca; finalizando, foram sugeridas algumas modificações e correções.** Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, tendo a aluna obtido às seguintes notas: 8,5 (oito vírgula cinco); 8,0 (oito vírgula zero) e 8,0 (oito vírgula zero). Apuradas as notas verificou-se que o aluno foi aprovado com média geral **8,1 (oito vírgula um)**. E para constar, eu, LIDIANY PEREIRA DOS SANTOS, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 28 de janeiro de 2021.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Lidiany Pereira dos Santos

Presidente

Solange C. G. Barros

1º examinadora

Elizabeth Gonçalves Lima Rocha

CS Digitalizado com CamScanner

2º examinadora

UMA ANÁLISE DO ENSINO DA ORALIDADE EM DUAS COLEÇÕES DO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO MÉDIO¹

NathIELLY Silva de Sousa Holanda²

Lidiany Pereira dos Santos³

RESUMO

Este artigo propõe analisar os Livros Didáticos de Língua Portuguesa das coleções “Ser Protagonista” e “Português: trilhas e tramas”, ambas do 2º ano do Ensino Médio; além disso, tem como objetivo principal defender a importância da oralidade no Ensino Médio. Utilizamos uma abordagem metodológica de cunho qualitativo e de método bibliográfico. O trabalho possui como aporte teórico, para fundamentá-lo dando consistência ao artigo, os autores de influência sobre o assunto como Marcuschi (2003 e 2007), Geraldí (2006), Fávero (2009), Travaglia (2009) e outros teóricos que contribuíram para o nosso tema, bem como, os próprios documentos oficiais, os PCN e a BNCC. Como resultado das análises, verificou-se que a modalidade escrita ainda é predominante nos Livros Didáticos, embora os documentos oficiais reforcem a importância da modalidade oral para o ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Oralidade. Livro Didático. PCN. BNCC.

ABSTRACT

This article proposes to analyze the Portuguese Language Textbooks from the collections “Being Protagonist” and “Portuguese: trails and plots”, both from the 2nd year of High School; moreover, its main objective is to defend the importance of orality in high school. We use a qualitative methodological approach and a bibliographic method. The work has as theoretical support, to base it giving consistency to the article, the authors of influence on the subject as Marcuschi (2003 and 2007), Geraldí (2006), Fávero (2009), Travaglia (2009) and other theorists who contributed for our theme, as well as the official documents, the PCN and the BNCC. As a result of the analyzes, it was found that the written modality is still predominant in the Didactic Books, although the official documents reinforce the importance of the oral modality for the teaching and learning of the Portuguese Language.

Keywords: Orality. Textbook. PCN. BNCC.

¹ Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura de Letras Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI) – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB) na Cidade de Picos como requisito parcial para a aprovação da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II)

² Graduanda do IX bloco no Curso de Licenciatura de Letras Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI) – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB) na Cidade de Picos. E-mail: nathiellysilvadesousa@gmail.com

³ Professora Adjunta do Curso de Licenciatura de Letras Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI) – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB) na Cidade de Picos. E-mail: lidianysantos1@ufpi.edu.br

1 Introdução

Este presente trabalho propõe defender a importância da oralidade no Ensino Médio, visto que a escola preocupa-se, principalmente, com o ensino da escrita e da gramática do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, em virtude da preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Dessa forma, a oralidade fica em segundo plano e sendo trabalhada, apenas por meio de leituras de textos escritos em voz alta e, às vezes, ao professor cabe a função de verificar se o aluno consegue decodificar as letras e, em outros casos, solicita a correção do texto oral para a situação formal. Dessa forma a oralidade é questão secundária, visto que, a escola entende que o aluno já chega ao ambiente de aprendizagem sabendo falar e busca, em sua maior parte, ensiná-lo aquilo que ele ainda não sabe, que é a escrita. A leitura oralizada é a atividade mais corriqueira dentro da sala de aula, pois a maioria dos professores crê que, ao efetuar tal tarefa, já seria o suficiente para ser trabalhada a oralidade de seus alunos. Acreditamos que a leitura oralizada é, de fato, necessária pelo fato de desenvolver diversas áreas como a prosódia, a entonação, a fluência, a postura corporal, entre outros, mas ela tem que estar unida aos projetos de produção oral dos gêneros.

Essa pesquisa aborda as concepções de linguagem, porém focará na terceira concepção visto que, segundo Geraldi, “acredito que ela implicará uma postura educacional diferenciada, uma vez que situa a linguagem como o lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos” (GERALDI, 2006, p. 41).

Aborda o texto como um processo de interação, a fim de explicar sobre a importância de se levar em consideração no ensino da produção textual a oralidade e que esta dentro dos textos constitui-se em um processo enunciativo. Analisamos como o Livro Didático trata a oralidade através de alguns gêneros textuais, ditos orais, e as propostas dos documentos oficiais, PCN⁴ e a BNCC⁵, em relação à oralidade.

Busca-se justificar que se deve dar maior atenção à oralidade e esclarecer a importância de se ensinar essa modalidade para os alunos, pois os discentes precisam ter essa percepção do uso adequado dos textos orais para utilizá-los em diferentes contextos e diversas situações de interação “é, no entanto, bastante interessante refletir melhor sobre o lugar da oralidade hoje, seja nos contextos de uso da vida diária ou nos contextos de formação escolar formal” (MARCUSCHI, 2003, p. 24). Sendo assim, a oralidade juntamente com a escrita deve manter essa inter-relação “nessa perspectiva, o ensino da oralidade não pode ser visto

⁴ PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais

⁵ BNCC: Base Nacional Comum Curricular

isoladamente, isto é, sem relação com a escrita, pois elas mantêm entre si relações mútuas e intercambiáveis” (FÁVERO, 2009, p. 13), a fim de que uma não seja mais privilegiada em detrimento da outra, uma vez que cada uma tem a sua parcela de importância dentro da sua modalidade de funcionamento na língua e não devem ser tratadas como dois sistemas linguísticos distintos.

2 Oralidade e o ensino de Língua Portuguesa

2.1 As concepções de linguagem no ensino

As concepções de linguagem precisa ser algo fundamental do conhecimento dos professores. Sendo assim, seria essencial que os professores obtivessem a compreensão das concepções de linguagem, pois, como expõe Travaglia (2009), a maneira que o professor de língua percebe a linguagem vai determinar sua maneira de trabalhar a gramática em sala de aula. É o conjunto dessas concepções que vai dar sustentabilidade à prática docente e guiá-lo no seu ofício.

Travaglia (2009) apresenta três formas de se conceber a linguagem: a linguagem como expressão do pensamento, a linguagem como instrumento de comunicação e a linguagem como forma ou processo de interação.

A primeira concepção em que a linguagem é considerada como expressão do pensamento, acredita que os indivíduos não são capazes de se comunicarem claramente pelo fato de não pensarem. Dessa forma a expressão vai ser concebida, primeiramente no âmbito da mente, em que a externalização da linguagem é mera tradução do pensamento em que se necessita da capacidade de o homem organizar de forma lógica seu pensamento, por meio de uma linguagem articulada e organizada.

Nesse pressuposto teórico, a língua é apontada como um sistema de cunho abstrato, homogêneo, estável e imutável. O texto, que ora se mostra de modo oral, ora de modo escrito, não considera o plano: para quem, em que situação, onde, como, quando e para que se fala. Assim, o que importa é expressar as ideias dentro de uma ordenação lógica do pensamento, sem a apreensão com uma interação comunicativa. E, ainda, pressupõe-se que existem regras a serem empregadas para a ordem lógica do pensamento e da linguagem que vão estabelecer “normas gramaticais do falar e escrever ‘bem’” (Travaglia, 2009, p. 21). Essa concepção é

guia fundamental dos estudos tradicionalistas e é a concepção adotada pela maioria das escolas brasileiras.

A segunda concepção enxerga a linguagem como instrumento de comunicação, como meio objetivo para a comunicação, assim, segundo Travaglia (2009) a língua é tida como um código, um conjunto de signos que se combinam segundo regras e que tem a finalidade de transmitir uma mensagem de um emissor a um receptor, isolada de seu uso. Esse código deve ser dominado pelos falantes e usado de forma similar, predeterminada, ajustada a fim de que seja estabelecido o ato comunicativo.

Nessa concepção, o falante tem em sua mente informações para emitir para o seu interlocutor. Dessa maneira, ele faz a codificação (o código) e envia ao ouvinte por meio de um canal (ondas sonoras e luminosas). O destinatário obtém os sinais criptografados e os configura em informações (mensagens) e, assim, desencadeia-se o processo de decodificação. Essa concepção sustenta a Teoria da Comunicação.

Travaglia (2009) na terceira e última concepção concebe a linguagem como forma ou processo de interação, que se difere das demais concepções, o falante não vai utilizá-la apenas para expressar seu pensamento ou transmitir informações para o ouvinte, mas vai efetuar ações, agir, atuar por intermédio da linguagem sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). O sujeito é agente de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre os interlocutores em uma determinada situação comunicativa e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Essa concepção está relacionada à Linguística da Enunciação.

Como dito, anteriormente, a pesquisa pretende se desenvolver na terceira concepção de linguagem, a linguagem como processo de interação, em que a oralidade ganha importância no ensino de Língua Portuguesa, inclusive, na produção textual.

2.2 A concepção interativa de linguagem e o ensino da oralidade

Na concepção interativa “o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala” (GERALDI, 2006, p. 41).

Essa concepção é uma das competências, nos PCNs+ do Ensino Médio, que se espera que o aluno adquira no ambiente escolar a fim de colaborar para que o discente seja protagonista, ou seja, sujeito da sua própria aquisição:

Não se pode tomar o aluno como um receptor passivo dos conhecimentos ministrados pelo professor. Na interação que estabelece com o assunto, o professor e os colegas, o aluno deve tornar-se sujeito da própria aprendizagem, revelando autonomia para lidar com a construção do conhecimento. (BRASIL, 2002, p. 61)

Portanto, é preciso que a escola apoie-se na terceira concepção de linguagem para o ensino de Língua Portuguesa, a fim de que o educando possa ter o domínio tanto da modalidade escrita como da modalidade oral, visto que a oralidade é contemplada pelos PCN, bem como pela BNCC, através de uma visão interacionista é necessário que a escola tenha essa mesma visão e adote o ensino da oralidade com maior ênfase.

Marcuschi (2003) define que:

A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso. (MARCUSCHI, 2003, p. 25)

Por meio dos gêneros textuais e situações de interação o ensino da oralidade poderia ser bem abordado através de debates, entrevistas, seminários, palestras, apresentações orais, propagandas, entre outros.

Como vemos os gêneros textuais tem sua grande contribuição para a oralidade ser trabalhada em sala de aula e também em situações e interações diversas, pois a oralidade constitui-se algo social:

A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa. A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia. Ela será sempre a porta de nossa iniciação à racionalidade e fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos. (MARCUSCHI, 2003, p. 36)

A oralidade merece destaque, pois é algo intrínseco ao ser humano por meio dela estamos sempre nos expressando e acredita-se que a escola deva desenvolver melhor essa modalidade, assim como a escrita tem sido desenvolvida. Assumindo esse posicionamento, neste trabalho analisa-se como as duas coleções escolhidas do Livro Didático abordam o ensino da oralidade e se elas, de fato, contemplam o que dizem os documentos oficiais PCN e

BNCC em relação a esse Eixo da Oralidade e ao desenvolvimento da competência comunicativa.

2.3 A oralidade nos Documentos Oficiais

A BNCC trata-se de um documento normativo que visa ser guia para que o aluno consiga obter uma boa educação e designa o que cada componente curricular irá desenvolver nesse processo de ensino-aprendizagem:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (BRASIL, 2017, p. 07, **grifo do autor**)

Os PCN orientam a escola e o docente de como compor cada componente curricular ajudando desde a elaboração do Projeto Político Pedagógico da escola até as atividades que os professores podem desenvolver em sala de aula. Servindo como um norteador para o dia a dia escolar, quais os conteúdos a serem desenvolvidos nas aulas. É claro, contudo que a escola deve utilizar-se desses documentos em conformidade com a sua realidade social e contexto escolar.

Com isso, vamos analisar o que os documentos oficiais, a BNCC e os PCN, dizem a respeito ao ensino da oralidade nas aulas de Língua Portuguesa e como demonstram que o seu ensino deve estar conjunto ao da escrita. Desde o Ensino Fundamental os alunos precisam ter esse ensino da oralidade através dos novos gêneros textuais:

“as práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir” (BRASIL, 2017, p. 66).

Dando continuidade no Ensino Médio. A BNCC expõe que:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL, 2017, p. 65 - 66)

Verifica-se que o ensino da oralidade tem sua relevância, visto que, é uma prática social que está intrínseca a escrita, sendo, pois, necessário ser ensinada dentro da sala de aula para que os estudantes tenham uma participação ativa na sociedade. Observamos que, segundo a BNCC, espera-se que o estudante advenha do Ensino Fundamental com essas competências e habilidades desenvolvidas, de participarem ativamente de diversas práticas sociais por meio da linguagem, e ao ingressarem no Ensino Médio possam dar continuidade a esse ensino de maneira a aperfeiçoarem seus conhecimentos.

Nos PCNs+ EM (Parâmetros Curriculares Nacionais+ Ensino Médio) pretende-se que o aluno desenvolva a competência interativa, pois através dos usos que fazemos por meio da língua irá viabilizar essa interação, daí a importância de se ter em nossas escolas um ensino voltado para a competência interativa da linguagem para que os estudantes estejam aptos a se manifestarem em qualquer situação de interação que ele esteja inserido, portanto esse papel está incumbido à escola:

Todas essas estratégias voltadas para a resolução do problema implicam habilidades relacionadas à **competência interativa**, pois os usos que fazemos da língua possibilitam a interação: por meio dela pode-se demandar e realizar ações, agir e atuar sobre interlocutores. Nem sempre é simples adequar o ato verbal à demanda da interlocução nas diversas situações de interação. Cabe à escola desenvolver essa competência no aluno, de forma progressiva, sem perder de vista o lugar social que ele ocupa e pode ocupar. A base para a construção dessa competência é o diálogo, lugar de falar e ouvir, de concordar e discordar, de opinar e respeitar, de elaborar argumentos. Se internalizada, a postura de quem dialoga não se perde ao fim da prática escolar e pode estender-se pelos outros círculos sociais de que o aluno participa. (BRASIL, 2002, p. 57, **grifo do autor**)

O professor de Língua Portuguesa em suas aulas precisa ter um plano de aula que abranja todas as áreas do ensino da língua, pois “pensar o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio significa dirigir a atenção não só para a literatura ou para a gramática, mas também para a produção de textos e a oralidade” (BRASIL, 2002, p. 70). Portanto não se deve prestigiar mais o ensino da escrita e deixar de lado a oralidade, todos os eixos precisam ser pontuados.

Os PCN expressam a devida relevância do ensino da oralidade e afirmam que este deve ser realizado por meio dos infinitos gêneros que circundam na nossa sociedade. A escola que exercer o ensino desses dois eixos, tanto da escrita como da oralidade, estará garantindo para seus alunos uma completa formação, pois a produção de gêneros nessas modalidades é incessantemente requerida pela sociedade.

A BNCC propõe que desde os anos iniciais do Ensino Fundamental os alunos tenham contato com os diversos gêneros que circulam na sociedade. Dessa forma, se espera que a escola desenvolva essas habilidades orais em seus alunos para estarem aptos para toda e qualquer situação comunicativa a qual venham a serem expostos. O documento, ainda, propõe diversas atividades e gêneros para que essas habilidades sejam desenvolvidas em sala de aula com os discentes. Ao chegarem ao Ensino Médio os alunos devem estar aptos para toda e qualquer situação que envolva a linguagem e dominem vários gêneros textuais, pois espera-se que os alunos tenham obtido essas habilidades no Ensino Fundamental para que, assim, no Ensino Médio possam prosseguir seus conhecimentos de modo intensificado sobre a linguagem e o seu funcionamento:

Ao chegar ao Ensino Médio, os estudantes já têm condições de participar de forma significativa de diversas práticas sociais que envolvem a linguagem, pois, além de dominarem certos gêneros textuais/discursivos que circulam nos diferentes campos de atuação social considerados no Ensino Fundamental, eles desenvolveram várias habilidades relativas aos usos das linguagens. Cabe ao Ensino Médio aprofundar a análise sobre as linguagens e seus funcionamentos, intensificando a perspectiva analítica e crítica da leitura, escuta e produção de textos verbais e multissemióticos, e alargar as referências estéticas, éticas e políticas que cercam a produção e recepção de discursos, ampliando as possibilidades de fruição, de construção e produção de conhecimentos, de compreensão crítica e intervenção na realidade e de participação social dos jovens, nos âmbitos da cidadania, do trabalho e dos estudos. (BRASIL, 2017, p. 490)

Através do ensino dos gêneros textuais e orais, que circulam na nossa sociedade, é que a oralidade deve ser inserida no contexto escolar, pois expondo os alunos aos diversos gêneros existentes o professor estará preparando-o para as inúmeras situações comunicativas a qual o estudante venha a ser inserido, tornando-o apto para se expressar, em qualquer situação interativa de que nível for, tanto formal como informal “a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso” (MARCUSCHI, 2003, p. 25).

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) desde o Ensino Fundamental a oralidade está em destaque como sendo um eixo de prática de linguagem e espera-se que os alunos cheguem até o Ensino Médio com essas competências e habilidades desenvolvidas, portanto sendo parte essencial para o ensino é proposto que se trabalhe a oralidade em diversas práticas de linguagem em situação oral:

O Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, playlist comentada de músicas, vlog de game, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação. (BRASIL, 2017, p. 77, **grifo do autor**)

Vê-se que os documentos oficiais apresentam um panorama do ensino de língua com enfoque nos gêneros textuais, definidos como práticas de linguagem que se realizam em textos nas interações humanas. Os documentos sugerem diversos gêneros para que o professor articule ocasiões na escola em que o aluno tenha experiências de produção de linguagem. Desse modo, com essa concepção, os documentos baseiam-se na reflexão e no uso da língua, com o primeiro objetivo de aperfeiçoar a capacidade de linguagem do aluno com o intuito de que ele desempenhe seu dever de cidadão apto a participar ativamente dos diversos campos discursivos existentes na sociedade.

A omissão do ensino da oralidade acarreta prejuízo para o aluno que sai da escola com um repertório oral defasado, pouco abrangente e que o limita a se expor em diferentes contextos linguísticos por não saberem se adequar e fazer o uso apropriado para cada situação social a que forem evidenciados, por não possuírem a capacidade de adequação e planejamento de sua fala para cada momento, seja formal ou informal da língua. Portanto, havendo essa omissão, a escola deixa de cumprir o seu dever de formar cidadãos.

3 Metodologia

A pesquisa é desenvolvida através da análise de duas coleções de Livro Didático, ambas do 2º ano do Ensino Médio, as coleções analisadas são das edições “Ser Protagonista” da editora SM e a coleção “Português: trilhas e tramas” da editora Leya, ambas publicadas em

2016. Tivemos acesso à coleção “Ser Protagonista” através da professora orientadora que nos cedeu para a análise e a coleção “Português: trilhas e tramas” foi o livro utilizado na escola em que participamos do programa Residência Pedagógica e podemos ter acesso a eles. A natureza deste trabalho, conforme Paiva (2019) é básica, pois visa acrescentar o conhecimento científico, sem fundamentalmente destinar-se a solução de um problema. Tratando-se de sua abordagem metodológica de cunho qualitativo que se realiza no mundo real com o intuito de “compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais, a partir de seu interior, de diferentes formas” (FLICK, 2007, p. 9 apud PAIVA, 2019, p. 13), não visa enumerar ou medir eventos. Quanto aos objetivos a pesquisa é explicativa visto que se pretende observar o tratamento da oralidade no Livro Didático através dos gêneros, ditos orais, e é também descritiva, pois visa descrever o fenômeno estudado. Quanto aos procedimentos a pesquisa utiliza a análise de conteúdo, uma vez que será analisado o conteúdo dos Livros Didáticos. Segundo Bardin a análise de conteúdo é:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin, 2011, p. 47)

A pesquisa se utilizará, também, da pesquisa bibliográfica definida por Macedo (1994, p. 13 apud PAIVA, 2019, p. 60) da seguinte maneira “é a busca de informações bibliográficas, seleção de documentos que se relacionam com o problema de pesquisa e o respectivo fichamento das referências para serem posteriormente utilizadas” e, ainda “a ‘revisão bibliográfica’ ou ‘revisão de literatura’ consiste numa espécie de ‘varredura’ do que existe sobre um assunto e o conhecimento dos autores que tratam do assunto, a fim de que o estudioso não ‘reinvente a roda’!”.

Paiva (2019) expõe que a pesquisa bibliográfica é um tipo secundário porque faz uso de estudos que já foram publicados em livros e artigos acadêmicos, com a soma de informações em relatórios, podcasts, páginas de web, blogs, vídeos, bancos de dados e outros meios que somem a pesquisa, com a finalidade de conferir maior relevância ao estudo. Serão analisados os conteúdos dos Livros Didáticos citados acima a fim de verificar como eles abordam a oralidade através dos gêneros textuais orais e se eles contemplam as propostas da BNCC e dos PCN.

4 Análises e Discussão

Partimos para as análises e discussão a fim de verificar como a oralidade é abordada nos Livros Didáticos através dos gêneros textuais orais. Foram analisadas duas coleções de Livros Didáticos do 2º ano do Ensino Médio, a coleção “Ser Protagonista” publicado pela Editora SM, ano 2016 e da coleção “Português Trilhas e Tramas” da Editora Leya, ano 2016. Analisamos como esses livros abordam a oralidade através dos gêneros para promover no ambiente escolar o ensino dessa capacidade linguística para, com isso, prepararem seus alunos, pois sabemos que o Livro Didático é uma ferramenta bastante utilizada, senão a única, pelos docentes no processo ensino-aprendizagem, porém ele não deve ser o único material didático para ser utilizado em sala de aula. Verificamos se as coleções contemplam o que os PCN e a BNCC propõem sobre esse ensino.

4.1 Coleção A

A coleção “Ser Protagonista” é dividida em três seções: “Literatura: Os movimentos estéticos entre os séculos XII e XIX”, “Linguagem: Analisar, classificar, produzir sentido” e “Produção de texto: Construindo os gêneros”. A última seção é composta de quatro capítulos, que possui três gêneros orais como a entrevista, o debate regrado e a fala em audiência pública, porém abordaremos apenas os dois últimos.

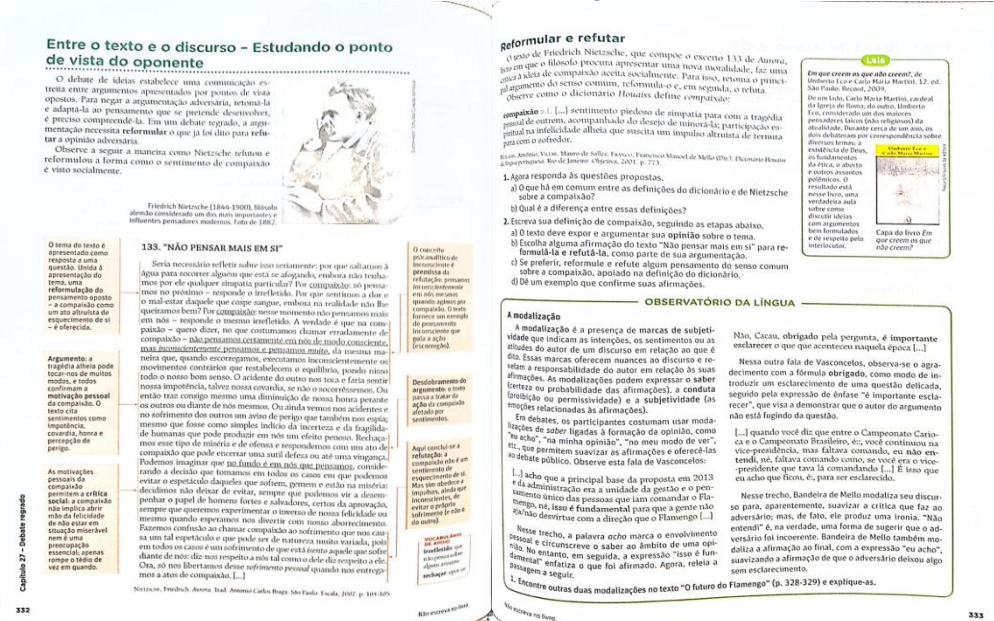
As autoras da Coleção “Ser Protagonista” da Editora SM (ano 2016) demonstraram preocupação quanto ao ensino da oralidade e contemplaram as orientações da BNCC quanto a esse ensino, pois ao longo do livro elas trazem capítulos que trabalham alguns gêneros orais, dentre eles: Entrevista, Debate Regrado e Fala em Audiência Pública. Nós selecionamos dois gêneros, especificamente o Debate Regrado e a Fala em Audiência Pública, para podermos explicitar como elas apresentam e discutem esses gêneros orais.

Vejamos:

No capítulo 27, que trata do gênero Debate Regrado, as autoras explicam o que é o gênero, mediante todo o capítulo elas explicitam como o Debate Regrado funciona e como ele acontece e se organiza. No início do capítulo observamos um breve comentário sobre o gênero e, em seguida, notamos um texto para que com isso o aluno já tenha um contato com o gênero textual oral, o que facilita a assimilação para o estudante. Analisamos, ainda, um

As autoras fazem um contraponto entre o texto e o discurso, onde podemos contemplar como se pode elaborar um debate com todos seus artifícios. Tem-se um texto de exemplo de maneira bem detalhado sobre o debate de um importante filósofo que foi Friedrich Nietzsche, possui vários quadros explicativos sobre as características presente no Debate Regrado. Na página seguinte encontram-se algumas observações sobre as marcas de subjetividade que é notada na oralidade dos debates, expondo algumas falas que podem ser notadas e utilizadas na situação de produção oral desse gênero. Notemos:

Figura 3 - Debate regrado



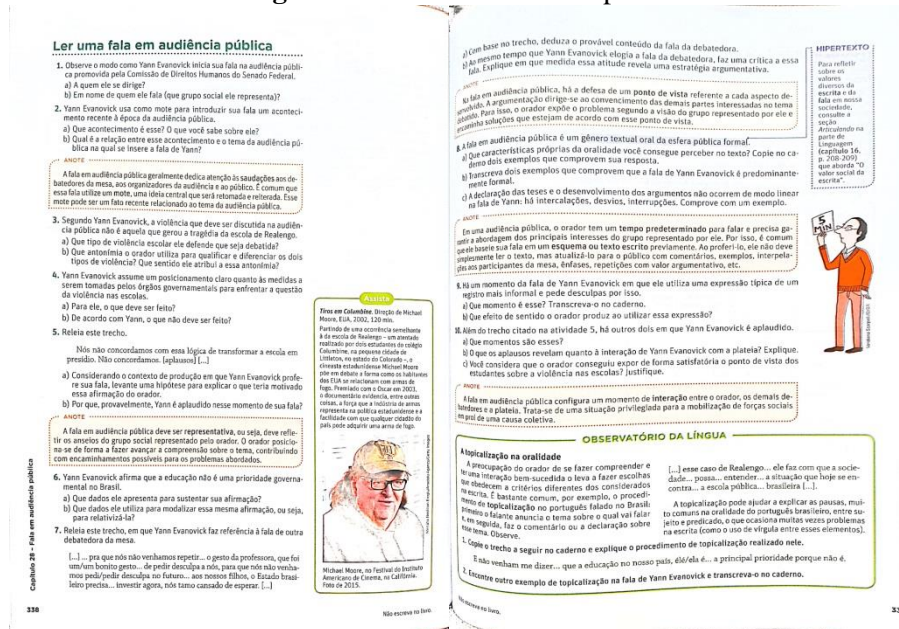
Fonte: Ser protagonista, 2016, págs. 332 e 333.

Ao final do capítulo sobre o gênero textual oral, Debate Regrado, percebemos que o livro oferece ao professor um verdadeiro suporte de como ele pode trabalhar esse gênero oral em sala de aula com seus alunos, pois ele promove propostas de como o docente pode colocar em prática o referido gênero através de atividades de elaboração de um debate regrado o que possibilita produções reais de uso do gênero que propõe um verdadeiro uso da oralidade e apresenta situações em que se pode contextualizar de fato, demonstrando toda a parte de planejamento, elaboração, avaliação, reelaboração e publicação da atividade, o que não acaba sendo apenas algo teórico, mas algo colocado em prática contribuindo, desse modo, com o ensino-aprendizagem tanto dos alunos como dos professores. Nesse momento, necessariamente, notamos a preocupação das autoras em realmente orientar o professor para

Fonte: Ser Protagonista, 2016, págs. 336 e 337.

Na atividade relacionada ao gênero oral em questão, reparamos que a atividade auxilia o aluno a compreender e entender como funciona e acontece a Fala em Audiência Pública, além de, ao longo do exercício, várias notas são percebidas com dicas e explicação sobre o gênero. O quadro trazido no livro sobre o observatório na língua ajuda o estudante a notar como a oralidade é algo intrínseco ao ser humano e faz-se presente no nosso cotidiano, algo muito interessante a se notar, pois o discente consegue entender como a oralidade possui suas particularidades. Como podemos observar:

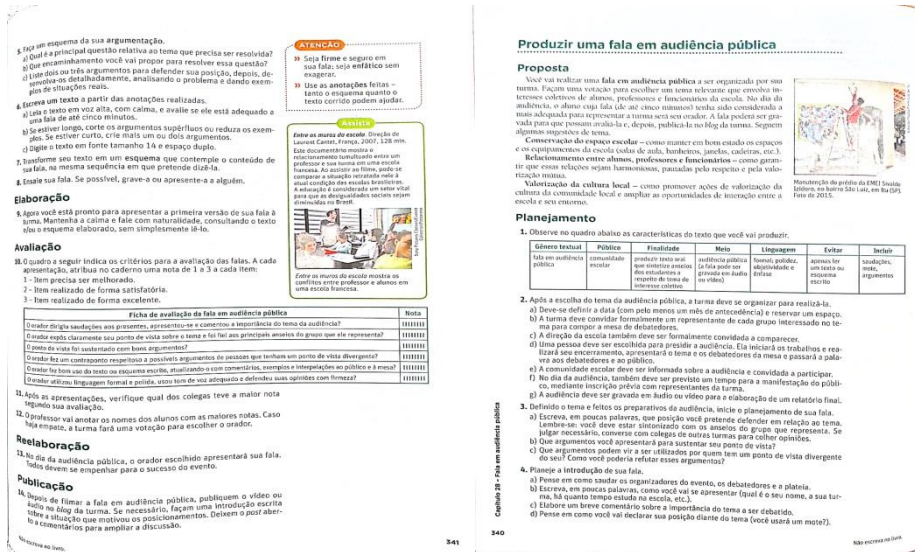
Figura 6 – Fala em audiência pública



Fonte: Ser Protagonista, 2016, págs. 338 e 339.

Ao término do capítulo temos o momento da prática daquilo que foi aprendido no decorrer do capítulo, os alunos tem a oportunidade de produzir o gênero oral, a Fala em Audiência Pública, em que foi trazido a proposta de realização do gênero, as autoras promoveram um total momento de interação em sala de aula e estimularam a oralidade dos alunos, além de ter proporcionado ao professor essa ajuda didática para exercerem com êxito sua função de educadores. O livro segue com o momento de planejamento, elaboração, avaliação, reelaboração e publicação do trabalho com o gênero, Fala em Audiência Pública, realizado pelos alunos em sala de aula. Observemos:

Figura 7 – Fala em audiência pública



Fonte: Ser Protagonista, 2016, págs. 340 e 341.

Não analisamos o gênero entrevista, pois a coleção trabalhou apenas a modalidade escrita do gênero, o que deixou uma lacuna, devido a sua extrema importância para os alunos que ao saírem do Ensino Médio pretendam ingressar no mercado de trabalho e outras áreas que exigem um bom desempenho da modalidade oral e o Livro Didático optou em trabalhá-lo somente na modalidade escrita, o que apresentou-se como um ponto negativo na coleção, mas percebemos nessa coleção “Ser Protagonista”, que as autoras realmente tiveram toda preocupação em inserirem no contexto escolar a oralidade, proporcionando através dos gêneros textuais orais um ensino completo aos alunos e um suporte para os professores. O aspecto formal da língua foi estabelecido para o cumprimento das atividades devido ao grau de formalidade dos gêneros que foram estudados. A oralidade, de fato, teve seu espaço no contexto escolar. Portanto, essa coleção seguiu as propostas dos documentos oficiais, tanto da BNCC como dos PCN.

4.2 Coleção B

O Livro Didático da coleção “Português: trilhas e tramas” é dividido em três seções: “Literatura e leitura de imagens”, “Gramática e estudo da língua” e “Produção de textos orais e escritos”. A última seção é dividida em sete capítulos, sendo que apenas dois deles são sobre os gêneros orais, sendo o Júri Simulado e o Seminário. Discorreremos sobre esses dois capítulos dedicados ao gênero oral.

As autoras da Coleção “Português: trilhas e tramas” da Editora Leya (2016), diferentemente da coleção anterior, não demonstraram a mesma preocupação em contemplar

o ensino da oralidade e, portanto, não cumpriram as orientações da BNCC quanto à oralidade, pois ao longo do livro elas apresentam, apenas, dois gêneros orais, dentre eles: Júri Simulado e Seminário. Dessa forma, nós entendemos que é uma visão reduzida em relação aos gêneros orais, principalmente, por se tratar de alunos do 2º ano do Ensino Médio que precisam de maior conhecimento quanto aos gêneros orais, haja vista, que a própria BNCC reforça nas habilidades a importância de se trabalhar com a oralidade para que os discentes aprendam a se comportarem de modo mais comunicativo e eficiente.

Vejamos:

No capítulo 30 onde a coleção aborda o gênero Júri Simulado, analisamos que o professor e o aluno não adquirem muita informação sobre o que é e como o gênero funciona, pois as explicações contidas são de modo reduzido o que acaba não esclarecendo ao estudante a realização e elaboração do gênero.

Figura 8 – Júri simulado

30 Júri simulado

Na bagagem

- Você sabe o que é um tribunal do júri e qual é o seu objetivo?
- Quais são os participantes de um tribunal do júri?
- Qual é o papel de cada um desses participantes?

Nas trilhas do texto

Neste capítulo, você vai participar com os colegas de um júri simulado a respeito das atitudes da personagem Juliana no romance *Quem Bebe do Espalho de Quê?*. Como o próprio nome indica, o júri simulado é uma "simulação" (imitação) de um tribunal do júri. Essa atividade tem o objetivo de ajudar você a estudar e debater um tema, exercitar a expressão, o raciocínio e o poder de argumentação além de desenvolver o senso crítico. Como em um tribunal, o júri simulado deve contar com a participação das pessoas nas seguintes funções: juiz, promotor, advogado do defesa, testemunhas, corpo de jurados e público. No final dos trabalhos, os jurados e o juiz decidem a sentença. O juiz lê e justifica a sentença, encerrando o júri.

Para saber melhor como funciona o tribunal do júri no Brasil, leia o texto a seguir.

Como funciona um tribunal do júri no Brasil?

Ricardo Aron

É mais ou menos parecido com o que você vê nos filmes americanos. Debates acalorados entre a acusação e a defesa, pessoas comuns decidindo o futuro do réu e um juiz responsável por ler a sentença – tudo permitido por uma verdadeira guerra de nervos. Mas o tribunal do júri brasileiro tem, lá suas peculiaridades. [...] Isso porque a lei por aqui prevê que só crimes intencionais contra a vida (ou seja, apenas homicídio doloso, auxílio na investigação de suicídio, aborto e infanticídio – quando a mãe mata o bebê logo após o parto) são julgados por esse órgão especial.

Mas, assim como nos filmes, a ponta culminante do julgamento é o debate entre a acusação, a cargo

do promotor público, e a defesa, feita pelo advogado do réu. Como precisam convencer pessoas comuns, como eu e você, de suas versões do fato, eles costumam lançar mão de um discurso com forte apelo emocional. E essa é uma das principais diferenças desse tipo de julgamento: há quem alegar que o júri decide mais pelo instinto do que pela razão. Mas, assim assim, o tribunal do júri encontra defensores. "Acredito que esse tipo de julgamento deve-se a atemporar crimes. É democrático, corajoso e participativo popular e aumenta o sentido de cidadania", diz o promotor Eduardo Rheingantz, do Primeiro Tribunal do Júri de São Paulo.

Todos de pé

Entenda quem é quem no tribunal e como pessoas comuns decidem o destino do réu.

Promotor

Seu papel é defender os interesses da sociedade. Se ele perceber que o réu é inocente – ou que merece tratamento diferenciado em virtude das circunstâncias do crime – deve pedir a sua absolvição ou a atenuação aplicável à possível pena. A família da vítima pode contratar um assistente que discute o tempo da acusação com o promotor.

Juiz-Presidente

Autoridade máxima do tribunal, faz valer a decisão dos jurados, mas não é responsável por ela nem pode influê-la. Ele conduz o julgamento e resolve as questões de Direito, como definir a pena no caso de condenação. O escrivão – que registra tudo o que é dito no julgamento – fica ao seu lado.

Espectadores

Só em casos de grande repercussão, qualquer pessoa pode assistir ao julgamento. Em geral,

o auditório é ocupado por parentes do réu e da vítima, jornalistas e estudantes de Direito.

Testemunha

Defesa e acusação podem chamar até cinco testemunhas cada. O juiz também pode requerer a presença de alguém. Muitas vezes, as testemunhas de defesa não viram o que aconteceu (vão falar do caráter do réu ou apresentar um alibi), enquanto as de acusação estavam no local do crime.

Réu

Quando está preso, o réu fica algemado e é acompanhado por policiais militares. Apesar de ser a figura central do julgamento (final, é seu destino que está sendo decidido), sua participação é pequena dentro do tribunal.

Conselho de sentença

Dos 21 jurados intimados, só sete participam do julgamento, formando o conselho de sentença. Eles são sorteados e podem ser recusados pelas partes. São permitidas até três recusas sem motivo (por exemplo, o promotor pode preferir não ter pessoas com forte crença religiosa no conselho). Nesse caso, novos nomes serão sorteados.

Sala secreta

Para cada questão a ser votada, os jurados recebem uma cédula com a palavra "sim" e outra com a palavra "não". As decisões são tomadas por maioria simples de votos (nos Estados Unidos, a decisão deve ser unânime) e a votação é sigilosa, ou seja, os jurados não podem falar sobre suas impressões do processo. Se um julgamento demorar dois dias ou mais, os jurados se hospedam em alojamentos e são acompanhados por oficiais de justiça, para garantir que não troquem informações entre si.

Fonte: Português: trilhas e tramas, 2016, págs. 322 e 323.

Na ilustração seguinte vemos que a atividade relacionada ao gênero traz questões que se relacionam a gramática da língua, traz perguntas que pedem aos alunos que retirem trechos do texto para responderem algumas questões e algumas são apenas de múltipla escolha o que acaba deixando de lado a essência de se ensinar o gênero textual oral Júri Simulado e que por fim não estimulam a oralidade na sala de aula.

Figura 9 – Júri simulado

Figura 11 – Júri simulado

3. De acordo com a orientação do professor, assinem um crânio.

4. O advogado de defesa deve reunir com as testemunhas para selecionar alguns trechos do livro que serão empregados na defesa de Juliana.

5. O promotor deve se reunir com as testemunhas para selecionar alguns trechos do livro que serão empregados na acusação de Juliana.

6. Os alunos que representam o público devem se reunir com o representante do promotor para combater como sociedade as empresas, empresas e empresas contra o livro de Juliana.

7. O professor e outros alunos podem combinar outras formas de participação que acharem interessantes.

8. Com o professor, considere a duração do júri e a medida do tempo de fala de cada um.

9. O júri abre a sessão. Ele pode fazer introduções, dar a palavra a quem julgar necessário e interromper a fala do promotor e do advogado de defesa. Ao final, após se reunir com os jurados, profere a sentença final.

10. Para que os jurados formem sua opinião a respeito do caso, o promotor e o advogado de defesa devem:

- fazer a leitura do caso ou da defesa, conforme o papel;
- fazer perguntas a si e às testemunhas;
- debater as questões com questões e respostas.

11. O promotor e o advogado de defesa devem se dirigir ao júri e aos jurados, em tom de voz adequado e quando a linguagem formal. Falem também, sempre que necessário, consultar os registros que formam durante a etapa de preparação.

12. O público não pode se manifestar durante o julgamento.

13. Ao final, a jurado formada os questionos, ou seja, as perguntas que serão votadas pelos jurados e as respostas, para os jurados e o público. Os questionos podem ser, simplesmente, 1. "Juliana é um perverso, para os jurados e o público. Os questionos podem ser, simplesmente, 1. "Juliana é culpada porque...?" 2. "Juliana é inocente porque...?"

14. O candidato de sentença votará-se na sala secreta para dar seu voto final. Inocente ou culpado.

15. O oficial de justiça recebe as cédulas de votação das questões e as leva até o júri.



Fonte: Português: trilhas e tramas, 2016, págs. 328 e 329.

No capítulo 31 o gênero oral estudado é o Seminário, em que de modo sucinto é explicado sobre o que é e como funciona o gênero.

Figura 12 – Seminário

31 Seminário

Na bagagem

Você tem facilidade de oralidade em se expressar oralmente diante de outras pessoas? Você já participou de um seminário? Em caso positivo, como foi sua apresentação?

Nas trilhas do texto

No final deste capítulo, você e seus colegas vão realizar um seminário sobre um romance de Romain Rolland brasileiro ou português. Como forma de preparar sua participação no seminário, vamos estudar melhor esse gênero oral. Para começar, você vai ler a transcrição do fala do professor Olavo Pereira Soares no seminário de lançamento do portal "Sérgio Vieira de Mello", mantido pela USP.

Para assistir o texto

Sérgio Vieira de Mello (1928-2012) atua por 31 anos na Organização das Nações Unidas, dedicando-se à promoção de comissões de verdade para gerar falas em um atestado de vida (AV) em Brasília. O seminário de lançamento do Portal "Sérgio Vieira de Mello" foi um evento que teve como objetivo divulgar a atuação profissional e humanitária de Vieira de Mello e lançar um livro e um portal dedicados a ele.

Olavo Pereira Soares, responsável pela formação de três comissões do Portal voltadas para professores, foi um dos profissionais que se pronunciaram nesse seminário.

O Portal "Sérgio Vieira de Mello" está disponível em: <http://www.usp.br/svm>. Acesso em: 20 maio 2016.

Agora, leia o pronunciamento de Olavo Pereira Soares no seminário de lançamento do portal, no qual ele busca explicar ao público presente como foi sua participação no projeto.

Transcrição do pronunciamento do Prof. Dr. Olavo Pereira Soares no seminário de lançamento do portal USP "Sérgio Vieira de Mello" – 11 de agosto de 2015

Boa tarde a todos. Em primeiro lugar gostaria de dizer que sinto um orgulho enorme de estar aqui nesta mesa, de estar neste espaço. Sou filho da cidade de São Paulo e filho da USP e moro em Belo Horizonte há um ano e meio. Também estou ensacado, pois é a primeira vez que vou aqui depois da minha defesa de tese sobre violência de São Paulo e filho da USP e moro em Belo Horizonte há um ano e meio. Também estou ensacado, pois é a primeira vez que vou aqui depois da minha defesa de tese sobre violência de São Paulo e filho da USP e moro em Belo Horizonte há um ano e meio.

Quando professora Heloísa Dupras me fez o convite para participar deste projeto, eu me senti primeiro um pouco assustado. Perguei o livro, organizado pelo professor Jacques Marcondes e pensei: por onde eu começo? Quero trabalhar com alunos de 9ª a 8ª série de ensino médio, e por onde eu começo?

Conexão pelos textos do próprio Sérgio. Não sei se costumam todos que estão aqui, mas dá uma vontade de ler a cada parágrafo e a cada linha, pois além das notas, temos as histórias das pessoas, dos fragmentos que estão lá no "Três" agora, que o MEC selecionou para ajudar na reconstrução do projeto educacional. Então, foi assim que comecei: primeiro eu me envolvi com a obra do Sérgio em seu caráter humano e universal, depois busquei resgatar a história de vida das pessoas que participaram direta ou indiretamente em projetos nos quais Sérgio estava trabalhando.

Tomada, depois da emoção, voltei para o livro. Na primeira parte se encontra um curso Sérgio, que estuda e pensa a par com um objetivo nacional e não apenas. Nos anos 70, que foram os anos em que eu cresci, a par era apenas uma utopia. Embora não tenhamos espaço para discutir teoria da História aqui, o Sérgio indica a par como um objetivo nacional, como algo que pode ser construído nacionalmente.

A partir destas reflexões é que comecei a elaborar algumas atividades. Algumas delas estão disponíveis no portal e outras, eu me coloco à disposição para construir e debater, inclusive com outros professores que queiram trabalhar no tema. A primeira coisa que eu considero importante é que de um modo geral estamos vivendo um momento em que a sustentabilidade do Brasil está sendo constantemente desafiada. Por esse lado, tanto no livro, didático quanto as diversas outras coisas de forma constante, os brasileiros que trabalham diariamente em busca de um mundo melhor.

No minha experiência nas escolas públicas da periferia de São Paulo e em escolas particulares vi que é impressionante como o brasileiro é ansioso pela palavra. Um exemplo do Rap na periferia de São Paulo. O Rap nasce nos Estados Unidos e, em alguns casos, é um exercício de violência constante e até de risas entre rappers da Costa Leste contra rappers da Costa Oeste. Aqui, os rappers brasileiros transformam o Rap, a música deles, ao menos, num hino à paz. Buscam desmistificar a violência, o objetivo é a não violência, é a paz que se constrói com saúde, educação, saneamento básico, lazer e uma série de outras coisas.

A atividade que está disponibilizada para os cursos de 9ª a 8ª série é organizada a partir de algumas frases de Sérgio Vieira de Mello já disponibilizadas no site. Sugiro que os professores possam pensar cada uma dessas frases e, para combater a que eu acabei de dizer, cada uma daquelas frases encontra entre artigos brasileiros a sua justificativa, o seu reforço. A partir dessas frases os professores podem também incluir materiais diversos e sugerir que os alunos possam o que é necessário para a construção da paz.

Este é um projeto que pode envolver as disciplinas de ciências humanas e todos os outros professores interessados. Eu procurarei resgatar aquilo que a professora Heloísa afirmou anteriormente, a cultura do aluno e o mundo que nós vivemos hoje.

Quero, por fim, como eu voltei hoje aqui, dizer que é impressionante como a USP é importante no cenário nacional e novamente agradecer pela minha participação. Por nome lido, saber como é grande a nossa responsabilidade toda nesse processo de divulgar e corrigir os pontos que buscamos trabalhar esses valores. Também, devo dizer que há no Brasil muitos "Sérgios" e esses precisam ser valorizados e nós precisamos buscá-los e trazê-los até este portal.

Muito obrigado.

Olavo Pereira Soares, responsável pela formação do Portal "Sérgio Vieira de Mello" em parceria com o Portal "Sérgio Vieira de Mello". 11 ago. 2015. Disponível em: <http://www.usp.br/svm>. Acesso em: 11 fev. 2016.

Em um pronunciamento feito em um seminário, podemos dizer que o expositor especialista se dirige de maneira explicitamente estruturada a uma platéia, para transmitir informações, descobrir ou explicar alguma coisa. A transcrição que você lê corresponde a essa definição? Justifique sua resposta.

Em um seminário público como esse, com objetivo de divulgação em massa, as comunicações costumam ser preparadas previamente, a partir de um tema fixado com antecedência. A Vós costumam ser preparadas previamente, a partir de uma leitura da transcrição, responda:

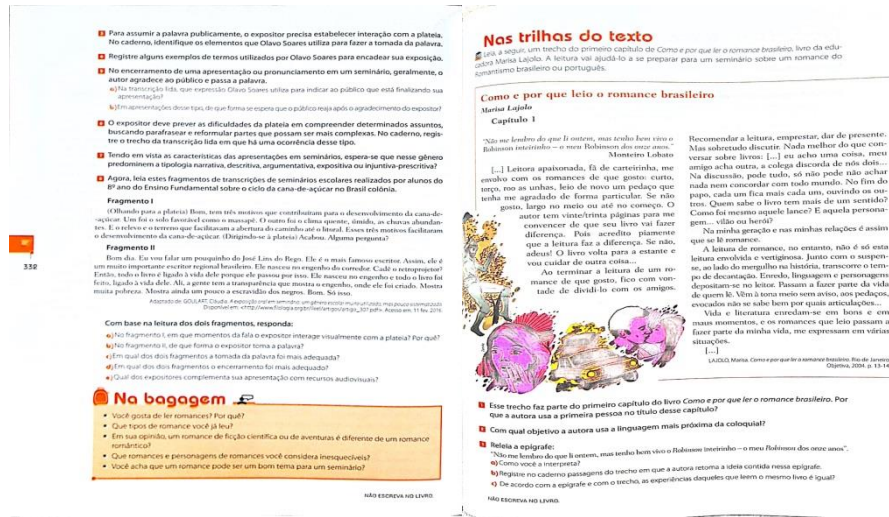
1) O professor Olavo Pereira Soares sabe sobre o que ele está falando?

2) Podemos supor que a platéia sabia qual era o tema da apresentação? Os participantes do evento pareciam compartilhar conhecimentos com o expositor? Justifique.

Fonte: Português: trilhas e tramas, 2016, págs. 330 e 331.

O capítulo não apresenta muitas explicações sobre o que é o gênero e apenas traz alguns textos com perguntas relacionadas a ele.

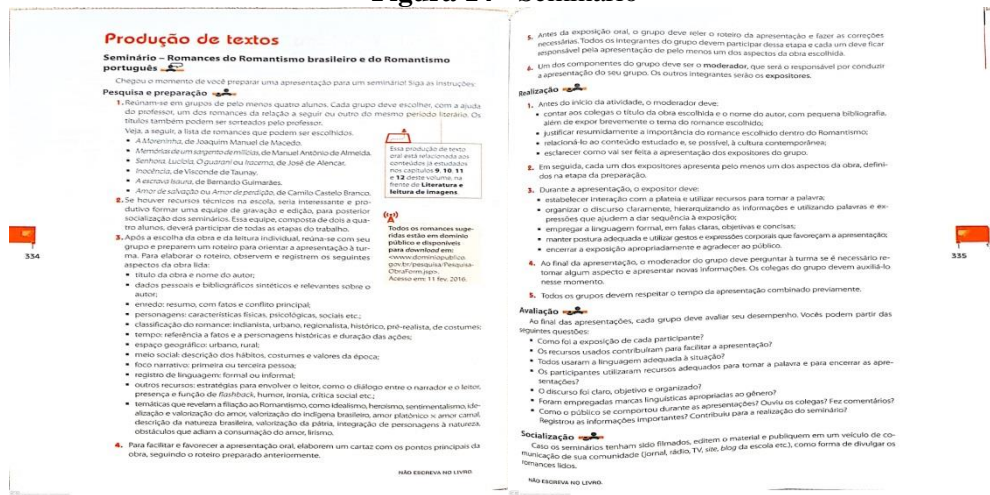
Figura 13 - Seminário



Fonte: Português: trilhas e tramas, 2016, págs. 332 e 333.

Em seguida, temos a atividade que é a produção do gênero o que se torna confusa para os alunos produzirem, haja vista, que o livro não deixou de forma clara sobre as características e funcionamento deste gênero. Dessa forma, os alunos passam pela avaliação da apresentação dos Seminários e, na sequência, socializam a atividade realizada.

Figura 14 - Seminário



Fonte: Português: trilhas e tramas, 2016, págs. 334 e 335.

Essa coleção não atendeu de forma eficiente ao que foi proposto pelos documentos oficiais e não deu maior atenção ao ensino da oralidade na sala de aula, pois expôs de maneira breve sobre os gêneros trabalhados e não deu subsídios ao professor de como explorar o assunto em sala de aula.

5 Considerações finais

Com todos os pontos, discussões e análises que aqui foram apresentados sobre a oralidade nos Livros Didáticos analisados e todo o arcabouço teórico percorrido, verificamos que há, ainda, algumas lacunas a serem resolvidas sobre o ensino da oralidade.

Além de acrescentar o nosso conhecimento, as análises nos permitiram um contato direto sobre o modo como o Livro Didático traz esse ensino da oralidade para o ambiente escolar e que espaço ela ocupa nele. Percebemos que os Livros Didáticos analisados trazem apenas alguns gêneros textuais orais de modo reduzido, pois a BNCC e os PCN enumeram diversos gêneros para serem estudados no contexto escolar e acabam abordando a língua somente no seu aspecto formal deixando de lado a realidade social que a maioria dos alunos estão inseridos e os outros níveis da linguagem. Seria ideal que os gêneros orais fossem abordados na mesma proporção e empenho que os gêneros textuais escritos.

O Livro Didático é sim um forte aliado ao professor em sala de aula, mas precisa ser ainda mais aprimorado para o ensino da oralidade, pois apenas uma das coleções, “Ser Protagonista” atendeu, razoavelmente, as propostas dos documentos oficiais, a importância de trabalhar os gêneros orais de modo eficaz e trouxe informações e atividades mais completas na medida em que se empenhou em trabalhar os gêneros orais de maneira didática, interativa e bem explicativa sobre cada gênero abordado; já a outra coleção, “Português: trilhas e tramas” não atendeu de modo eficiente as devidas propostas e ensino desses gêneros orais, o que acabou deixando a desejar na completude e clareza de suas exposições e atividades.

Acreditamos que, caso os Livros Didáticos adotados pelas escolas contemplassem as propostas dos documentos oficiais, proporcionariam aos alunos um ensino completo em relação a todos os eixos esperados, “[...] diante disso, a escola deve buscar uma maior valorização da oralidade no contexto do sistema formal de ensino, tendo em vista, sobretudo, a insuperável interdependência entre oralidade e letramento”. (MARCUSCHI, 2007, p. 38). Concordamos intrinsecamente com as palavras de Marcuschi.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, Ricardo Gonçalves. [et al.]. **Ser Protagonista: Língua Portuguesa**. 3. ed. v. 2. São Paulo: Edições SM, 2016.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCNs+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 2002.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília, 1999.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf >. Acesso em: 10 de novembro de 2020.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira. **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GERALDI, João Wanderley. (Org.); ALMEIDA, Milton José de. [et al.]. **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (Org.); DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

PAIVA, Vera Lúcia de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

SETTE, Graça. [et al.]. **Português: trilhas e tramas**. 2. ed. v. 2. São Paulo: Leya. 2016.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

TEIXEIRA, Josina Augusta Tavares. **Eles fala, nós cala: como a escola tem enfrentado o desafio de ensinar a norma culta a seus alunos**. Juiz de Fora: UFJF, 2014.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“BIBLIOTECA SETORIAL CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
- () Dissertação
- () Monografia
- (X) Artigo

Eu, NATHIELLY SILVA DE SOUSA HOLANDA, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação UMA ANÁLISE DO ENSINO DA ORALIDADE EM DUAS COLEÇÕES DO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO MÉDIO de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 15 de Março de 2021.

NathIELly Silva de Sousa Holanda.

Assinatura